

# URBANISMO TÁTICO E A EXPERIÊNCIA DO MENOR

## Ações colaborativas na Vila Neuma, Iguatu, Ceará, Brasil

**TACTICAL URBANISM AND THE  
EXPERIENCE OF THE MINOR**  
*Collaborative Actions in Vila Neuma,  
Iguatu, Ceará, Brazil*

**Mariana Araújo de Oliveira<sup>1</sup>, Manuela Cristina Rêgo de  
Carvalho<sup>2</sup>, Maria Dulce Picanço Bentes Sobrinha<sup>3</sup> e  
Ruth Maria da Costa Ataíde<sup>4</sup>**

### Resumo

A Vila Neuma, localizada na área periférica da cidade de Iguatu, Nordeste do Brasil, se apresenta como uma pequena localidade às margens dos investimentos públicos e do interesse do capital, mas que, a partir da sua comunidade, se sobrepõe às suas dificuldades a partir de um existir comum. Nesse contexto, busca-se apresentar uma experiência de reestruturação de um espaço público pelo urbanismo tático, pela participação coletiva e valorização dos saberes locais, realizada por meio de uma metodologia participativa, que produziu diagnósticos e um plano de bairro. Essa intervenção constitui-se como objeto deste artigo que tem por objetivo refletir sobre o urbanismo tático a partir da literatura do menor. Dessa forma, essa discussão é orientada pelos estudos de Aparna Udayasuriyan, Jeffrey Hou, Lydon e Garcia, e Neil Brenner. Discute-se como esse tipo de ação contribui para gerar soluções táticas de transformação dentro de pequenos espaços, como bairros ou mesmo cidades.

Palavras-chave: Urbanismo tático, Vila Neuma, Ceará, Literatura do Menor.

### Abstract

*Vila Neuma, located in the peripheral area of the city of Iguatu, Northeast of Brazil, is characterized as a small location on the margins of public investments and of capital interests, but which, through its community, overcomes its difficulties through of a common existence. In this context, the goal is to present an experience of restructuring a public space through tactical urbanism, collective participation and appreciation of local knowledge, carried out through a participatory methodology, which produced diagnosis and a neighborhood plan. This intervention is the object of this article, which aims to debate the theories of tactical urbanism based on minor literature. Thus, this discussion is guided by studies by Aparna Udayasuriyan, Jeffrey Hou, Lydon and Garcia, and Neil Brenner. It discusses how this type of action contributes to generating tactical solutions for transformation within small spaces, such as neighborhoods or even cities.*

Keywords: Tactical urbanism, Vila Neuma, Ceará, Minor Literature.

<sup>1</sup> Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFRN). Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Fortaleza (2018).

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) da UFMG. Mestre pelo PPGAU-UFRN (2020). Arquiteta e Urbanista pela UFRN (2017).

<sup>3</sup> Pós doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Nacional da Colômbia (2017). Docente no PPGAU-UFRN.

<sup>4</sup> Doutorado em Pensamiento Geografico y Organización del Territorio pela Universidade de Barcelona (2013). Docente no PPGAU-UFRN.

### Introdução

Uma literatura do menor deve ser coletiva, revolucionária e política. Os autores Gilles Deleuze e Félix Guattari (2002, p. 39) definem essa literatura como “a língua construída por uma minoria” que tem como características principais uma forte desterritorialização, um caráter político e coletivo. Na literatura do menor “o triângulo familiar se conecta com outros triângulos – comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos – que lhes determinam os valores” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 39). Para os autores:

É a literatura que se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz uma solidariedade ativa apesar do cepticismo; e se o escritor está à margem ou à distância da sua frágil comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. [...] As três categorias da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 41).

Ao tratar da escrita, Michel de Certeau (1994) admite que esta atua como um espaço de formalização, remetendo à realidade na busca de mudá-la e assim, tendo como alvo principal o social. A escrita “transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior” (CERTEAU, 1994, p. 226). Pensando na linguagem também como um instrumento de poder coletivo, o autor admite que esta deve ser escrita, afastando-se do corpo social, tradicional e individual, fugindo daquele “princípio de hierarquização que privilegia, antes o burguês, hoje o tecnocrata” (CERTEAU, 1994, p. 230).

Para uma real literatura do menor, busca-se entender o potencial dos pequenos lugares a partir dos escritos de José Guilherme C. Magnani (1996), que propõe uma leitura da delimitação dos territórios a partir dos conceitos de: mancha, pedaço, lugar e trajeto, relacionando-os, posteriormente, às ações produzidas pelo urbanismo tático nos espaços públicos ali localizados. Magnani (1996) considera o entendimento do uso da rua, a vizinhança e as relações de pertencimento como fundamentais ao planejamento urbano. Sobre o uso das ruas por apropriações populares – como bailes, festas, circos, torneiros de futebol – tão comuns nas pequenas cidades. Magnani (1996) afirma que:

São, evidentemente, modalidades simples e tradicionais que não têm o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer, mas estão profundamente vinculadas ao modo de vida e tradições dessa população. Representam, antes, uma oportunidade de, através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro – estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade (MAGNANI, 1996, p. 12-13).

Segundo Magnani (2003), o espaço apropriado pelas pessoas se divide entre *em casa e fora de casa*, sendo o primeiro aquele expresso nas formas de lazer ligadas diretamente à família e às festividades que acontecem dentro do espaço residencial e o segundo as ações que extrapolam o limite da casa, mas que permanecem nas proximidades do bairro, podendo ser na vizinhança ou fora da vizinhança. Nessa perspectiva, o autor especifica que o espaço delimitado por marcos físicos, possuidor de uma rede de relações e frequentado por pessoas que se reconhecem enquanto membros de uma rede social com base territorial, pode ser considerado um pedaço,

tecendo-se ali a trama do cotidiano: “a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais” (MAGNANI, 2003, p. 07).

A partir da noção de pedaço, mais relacionada à vizinhança próxima (bairro ou setor urbano), o autor aplica o conceito de mancha para explicar setores urbanos ou frações do espaço dotadas de características singulares e que atraem pessoas de uma mesma tribo, como os arredores de bares gays, bairros alternativos, salões de dança *clubbers*, pontos de encontro *punk*, o entorno de cafés culturais, entre outros espaços que não necessariamente precisam de uma delimitação, mas que são marcados por expressar um sentido único pelos que deles se apropriam.

Para Magnani (2003) a mancha difere do pedaço pelos seus frequentadores, que não necessariamente se conhecem, mas usam aquele espaço para exercitarem um código em comum, como apreciar símbolos escolhidos para marcar a diferença. Além disso, no pedaço o espaço é restrito enquanto referência, mas pode mover-se para outros locais, enquanto a mancha está sempre aglutinada em torno de elementos físicos que produzem aglomerações – bares, cafés, espaços culturais, etc. Ela consiste em uma área contígua do espaço urbano “dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2003, p. 10).

O autor propõe ainda os conceitos de trajeto e circuito, para os deslocamentos que acontecem na cidade. O trajeto é utilizado para definir os fluxos no interior das manchas, ligando pontos e manchas como, por exemplo: casa ao trabalho; casa ao bar; ou, casa ao cinema. A ideia do trajeto permite pensar a escolha das diversas possibilidades de deslocamentos por entre as manchas e os pedaços, tais como: o mover-se pelo pedaço fora do seu âmbito local, nas proximidades da casa e da vizinhança, ao percorrer o espaço por meio das manchas.

No que se refere ao circuito, Magnani o define como “o exercício de uma prática ou determinado serviço que se insere em estabelecimentos, pontos da cidade, equipamentos urbanos e que mantém entre si uma relação espacial” (2005, p. 178). Diferente da mancha e do pedaço, que necessitam de delimitações, o circuito é reconhecível pelos seus usuários que mantêm em comum uma característica, uma cultura urbana única, como, por exemplo, uma comunidade que vive à base da agroecologia e que se relaciona a partir disso. A importância da compreensão desses circuitos é a possibilidade de agrupar dentro deles as demais delimitações de pedaço, mancha e trajeto, de modo a possibilitar a identificação das intervenções temporárias em cada um desses contextos.

Para este autor, “a emergência desses pequenos grupos voláteis e diferenciáveis, se contrapõe à homogeneidade e individualismo da sociedade contemporânea e às identidades bem marcadas da modernidade” (MAGNANI, 2005, p. 174). Entendendo ações táticas, como a agroecologia e as hortas urbanas, como ações de resistência, que recriam lugares na cidade e que se envolvem espacialmente dentro de pequenas localidades a partir do *pedaço* e da formação de *manchas*, tem-se que o seu reconhecimento, a partir da diferenciação dos seus atores, das suas narrativas e do impacto que elas causam socialmente, torna-se essencial para o entendimento de novas estratégias da efetivação do acesso à cidade de maneira coletiva.

Por fim, ao pensar a importância da escrita como ferramenta de poder coletivo, enumeramos alguns argumentos para debate: Como contar experiências coletivas que emergem no interior das pequenas comunidades, dos pequenos lugares, a partir de uma linguagem popular? Como compreender as narrativas desses sujeitos? O que

devemos aprender para *saber criar um devir-menor*? Para Certeau (1994) a escrita é revolucionária, pois produz um sistema próprio e refaz a história pelo modelo daquilo que fabrica. Nesse sentido, uma escrita do menor ativista, contra hegemônica no sistema capitalista, pode demonstrar novas possibilidades de registro, de fazer história a partir dos pequenos lugares. Sobre essa autoridade de escrever a partir das pequenas cidades, dos pequenos campos de atuação, das experimentações práticas de um planejamento urbano tático e participativo, tomamos novamente Deleuze e Guattari ao afirmarem que “só desse modo é que a literatura se torna realmente máquina coletiva de expressão, apta a tratar e exercitar conteúdos” (2002, p. 42).

### Urbanismo colaborativo e ações táticas no cotidiano das pequenas cidades

Retomamos Certeau (1994) ao diferenciar as ações inscritas na cidade em táticas e estratégias, especificando que: são estratégias as práticas que buscam distinguir um lugar de *poder* do querer próprio, criando assim espaços de controle: demarcações físicas por meio das quais o poder se consolida. As ações estratégicas dominam o tempo em função de um lugar autônomo, “dominam o espaço a partir de uma visão (uma espécie de panóptico – um espaço controlado) e a partir de um saber específico transformam incertezas em narrativas legítimas” (CERTEAU, 1994, p. 99). As ações táticas, portanto, são aquelas que emergem, se apropriam e reinventam o cotidiano sem a necessidade de um projeto de poder concreto e um lugar instituído de controle. Dessa forma, enquanto a ação tática é determinada pela *ausência de poder*, a estratégica é organizada pelo *postulado de um poder* (CERTEAU, 1994).

Entendemos que as ações táticas, expressas no chamado urbanismo tático, termo admitido por Mike Lydon e Anthony Garcia (2011; 2012; 2013; 2014), buscam transformar pequenas localidades por meio de intervenções rápidas, de baixo custo e movidas pela participação coletiva. Essas ações podem ser dirigidas por órgãos governamentais, planejadores urbanos ou simplesmente de forma espontânea, regidas por grupos pequenos ou de grandes proporções, em espaços menores como no pedaço de uma praça ou mesmo na mancha de um bairro. Para os autores o urbanismo tático consiste em “melhorias incrementais na pequena escala” (LYDON; GARCIA, 2011, p. 01), que encenam orçamentos mais substanciais, ou seja, demonstram outras possibilidades de uso e investimento em um dado local. Para eles

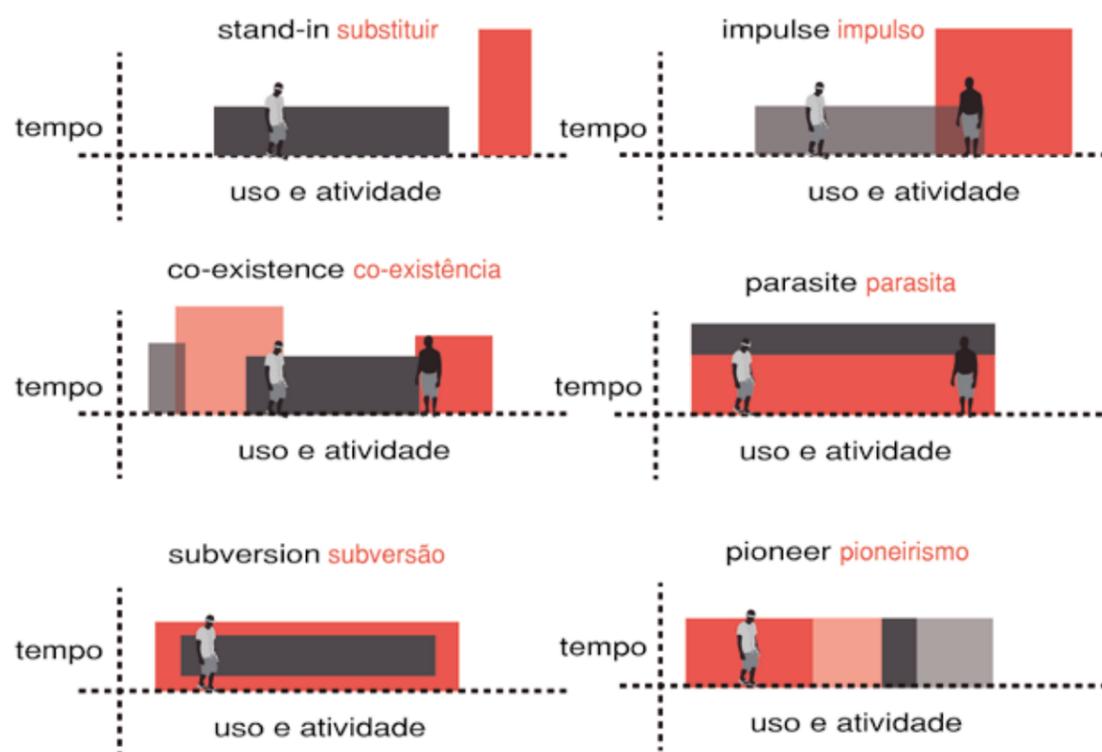
essa abordagem permite que uma série de atores locais testem novos conceitos antes de assumir compromissos políticos e financeiros substanciais. Às vezes sancionado, às vezes não, essas ações são comumente referidas como “urbanismo de guerrilha”, “urbanismo pop-up”, “reforma da cidade” ou “D.I.Y. urbanismo”. No momento, gostamos de “Urbanismo Tático”, que é uma abordagem que apresenta as seguintes cinco características: Uma abordagem deliberada e em fases para instigar mudança; a oferta de soluções locais para os desafios do planejamento local; compromisso de curto prazo e expectativas realistas; baixo risco, possivelmente com uma alta recompensa; e o desenvolvimento do capital social entre os cidadãos junto à construção de uma capacidade organizacional entre instituições público-privadas, sem fins lucrativos e seus constituintes (LYDON; GARCIA, 2011, p. 01).

Nessa mesma direção, Aparna Udayasuriyan (2016) afirma que o fundamental dessas ações é que são iniciadas por cidadãos na busca de inovações para lidar com a vida urbana, e normalmente se manifestam por meio de reivindicações temporárias como arte, instalações, agricultura urbana, *food trucks*, *pop-up* e atividades alternativas de

recreação com conceitos mais alternativos. Muitas dessas intervenções “de baixo para cima ou reconfigurações transitórias de espaço, aparentemente surgem sem qualquer tipo de consentimento das autoridades” (UDAYASURIYAN, 2016, p. 16).

Segundo a autora, essas ações táticas possuem seis características bem definidas: são flexíveis, possuindo poucos riscos no longo prazo; são adaptáveis às mudanças; possuem a capacidade de explorar novas dimensões; se preocupam com as necessidades da hora, ou seja, do agora; possuem ideias coletivas e colaborativas; e são diversas em relação aos agentes atuantes, podendo existir diversos grupos, diversos estilos de pessoas. O importante nessas ações é o processo de desenvolvimento do projeto, que inclui os atores envolvidos, ou seja, “independente do resultado do projeto, a troca de conhecimentos e experiências entre os participantes é fundamental” (UDAYASURIYAN, 2016, p. 26).

Outro aspecto importante a destacar nos estudos de Udayasuriyan (2016) sobre o uso temporário e tático do espaço público, diz respeito à relação dos usuários com os espaços ocupados. Para a autora, nas cidades europeias observadas, esses espaços funcionam como locais de reprodução para usos transitórios, “onde o vácuo espacial é fundamental para o nascimento de usos temporários nas cidades” (UDAYASURIYAN, 2016, p. 16). Para isso ela classifica os espaços a partir das suas experiências vividas em seis tipologias: substituição, impulso, coexistência, parasitismo, subversão e pioneirismo (figura 1).



Tais experiências, conforme demonstrado na figura 1, podem ser identificadas nas relações que os indivíduos estabelecem com as atividades temporárias, a saber: 1) na substituição onde os usuários temporários não têm um efeito duradouro no espaço, utilizando-o, por exemplo, só como descanso ou passagem; 2) no impulso, por meio do os usuários acionam o desenvolvimento do espaço utilizado; 3) na coexistência, quando o uso temporário continua a existir minimamente, mesmo após a introdução de um programa permanente na ação; 4) no caso parasita, onde o uso temporário depende muito do que já acontece no espaço e se aproveita do potencial ali disponibilizado; 5) na subversão, em que os usuários temporários interrompem funções que já existem no local, como uma atuação mais política, uma manifestação; e 6) no caso do pioneirismo, por meio do qual os usuários se utilizam de um espaço ainda sem função, estabelecendo uma nova forma de apropriação.

O urbanismo tático também é discutido por Jeffrey Hou (2018), que as reconhece como ações de mobilização social que ocupam as ruas na forma de manifestos. Para o autor, essas ações sugerem que o espaço público também se traduz como o lugar da cultura e a identidade de uma sociedade, além de apresentar-se como um veículo de mobilização social e de expressão de poder. Para ele, “esse é um lugar que define a identidade de uma sociedade” (HOU, 2018, p. 06). Assim explica:

A mobilização social e a atenção que a sociedade passa a prestar a tal espaço podem então se transformar em força política, e assim cobrar que as autoridades cumpram seu papel ou respondam a demandas. Nesse contexto, o ativismo no espaço público é uma forma de ação social construída tanto sobre os significados culturais quanto o potencial emancipatório do espaço público. Com isso em mente, o espaço público, junto ao ativismo associado a ele, tem o potencial de prover oportunidades para o surgimento de novos agrupamentos sociais e redes colaborativas (HOU, 2018, p. 06).

Nessa direção ele assinala que diversas experiências estudadas em comunidades que fizeram uso do urbanismo de guerrilha revelaram que, para criar espaços e novas práticas, é necessário um planejamento social fundamentado em um design inovador e na participação popular, “e pressupõe a capacitação das comunidades para que possam agir e criar redes e intervenções por iniciativa própria, além de facilitar e promover a cultura do compartilhamento e aprendizado social” (HOU, 2018, p. 16). Assim, o autor afirma a importância de

[...] criar redes e relações não apenas dentro de comunidades e vizinhanças existentes, mas também entre comunidades e redes sociais de diversas origens sócio-culturais e condições econômicas. Em outras palavras, precisamos considerar lugares e *placemaking* como partes de uma rede – o que, pode se dizer, é a essência dos novos comuns – um comum construído na formação de novas relações e agenciamentos (HOU, 2018, p. 20).

Ainda sobre o urbanismo tático, Neil Brenner (2016) demonstra seu surgimento em um contexto de crise de governança, onde sua potência está na sua capacidade de captar uma gama de projetos urbanos emergentes, não sendo, portanto, uma técnica unificada. Esse urbanismo seria assim mobilizado de baixo para cima onde “suas fontes geradoras devem estar fora do controle de qualquer ideologia, instituição, classe social ou coligação política” (BRENNER, 2016, p. 09). Para o autor são novos modos de intervir no espaço de forma *acupuntural* com limites territoriais bem definidos, como por exemplo uma rua, um bairro, uma praça, sendo totalmente maleável e podendo promover uma diversidade de práticas participativas e colaborativas de reestruturação

urbana (BRENNER, 2016). Dessa maneira, para ele, o urbanismo tático

geralmente promove uma visão de base, participativa, prática e de “faça você mesmo” de reestruturação urbana, na qual aqueles que são mais diretamente afetados por uma questão mobilizam-se ativamente para enfrentá-la, podendo, ainda, mobilizar-se continuamente para influenciar a evolução dos métodos e das metas necessárias de alcance. Por esta razão, o urbanismo tático é, muitas das vezes, apresentado como um modelo de ação de “fonte aberta” e como uma forma de “reapropriação” do espaço urbano por seus usuários (BRENNER, 2016, p. 09).

Cabe aqui destacar, entretanto, que, em contraponto a esse uso tático do espaço, existe um urbanismo neoliberal, que constrói e demarca os espaços da cidade. Nesse sentido, Brenner (2018) demonstra que, ao mesmo tempo em que as intervenções táticas surgem como respostas a lutas contra as formas de privatização, gentrificação, remoção, isolamento e exclusão socioespaciais demarcadas por esse urbanismo, são também, muitas vezes, financiadas pelo Estado e pela iniciativa privada e acabam se convertendo em mercadoria, objeto do lucro para esses investidores. Diante disso, busca-se discutir o surgimento dessas intervenções nesse contexto de produção neoliberal, que emerge até mesmo nas pequenas localidades. Essas ações temporárias seriam capazes de criar novos lugares na cidade, de ressignificar espaços, mesmo incorporando em suas práticas a neoliberalização da vida?<sup>5</sup>

Consonante com o pensamento do autor entende-se que a experiência da Vila Neuma se insere nos processos de produção do espaço urbano e está submetida à lógica das práticas neoliberais. Entretanto, é possível observar também que as contradições geradas nessa dinâmica impulsionam a busca de alternativas de vida numa perspectiva contra hegemônica, vista, por exemplo, na valoração de processos associativos solidários, no respeito à natureza e nos direitos humanos, tal como se verifica na experiência da Vila Neuma que se apresenta em análise neste artigo. Com isso, torna-se importante trazer o urbanismo tático como uma potência capaz de promover a reapropriação dos espaços livres públicos, e integrá-los à cidade, a partir de práticas simples e ferramentas táticas junto aos seus usuários. Essas ações podem contribuir para qualificar e dinamizar o espaço público, ao promover novas sociabilidades e permitir diferentes testes sobre possíveis formas de apropriação desses espaços.

Essas ações, que são, normalmente, movidas por coletivos e acontecem com uso de poucos recursos, realçando a importância da reciprocidade e do compartilhamento de conhecimentos, de experiências e de vivências, seriam classificadas como *o pedaço e realizadas fora de casa* (Magnani, 2003; 2005). São, especificidades as caracterizam como potentes na criação de novos lugares na cidade e na recriação das relações de vizinhança, mesmo sob o constante domínio do capital. Assim, esse urbanismo tático também se coloca como uma ferramenta de gestão coletiva de espaços públicos,

<sup>5</sup> Para Pierre Dardot e Christian Laval o neoliberalismo “é a razão do capitalismo contemporâneo” e pode ser entendido como “o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (2016, p. 17). No seu sentido mais amplo, essas relações de poder entre o Estado e o Mercado ditam uma lógica normativa de produzir pessoas e cidades, comportamentos diferentes em todos os níveis de domínio que vão além da dominação capitalista: é “a mercantilização implacável de toda uma sociedade” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 23). Assim, pode-se dizer que o capital neoliberal produz muito mais que organizações e as próprias cidades, ele se traduz no comportamento das pessoas, na mídia, nos signos e no encriptamento de mensagens que transformam o sujeito comum em empreendedor de si mesmo. Diante disso, e da constante troca de informações a partir da mídia e das redes, essas subjetividades estão presentes até mesmo nas pequenas localidades, comunidades, cidades menores, na vida comum dos sujeitos.

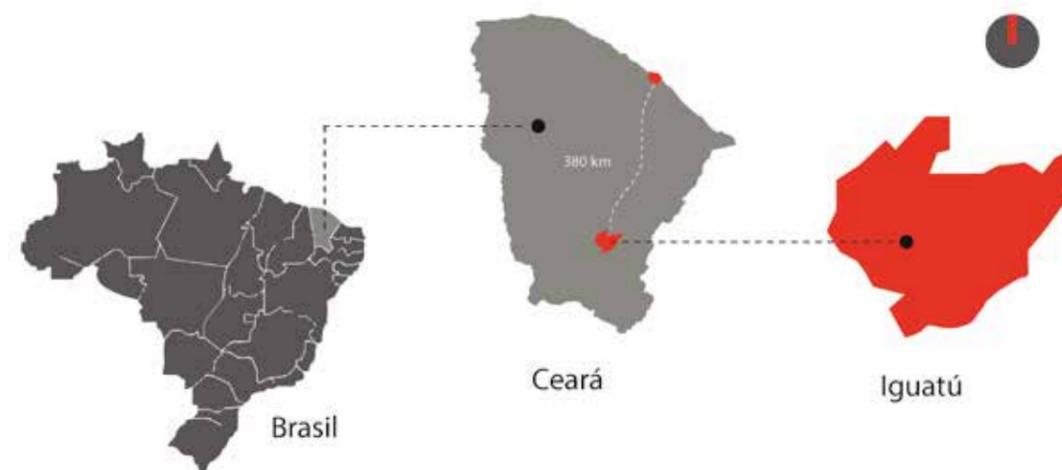


Figura 2 - Localização da cidade de Iguatu, Ceará, Nordeste do Brasil. Imagem sem escala. Fonte: Produzido pelas autoras em 20 de março de 2021.

com possibilidades de influenciar as políticas públicas e no presente artigo, como uma experiência da literatura do menor e da apreensão de significados desse comum.

### Primeiras aproximações: Sobre a Vila Neuma, Ceará, Nordeste

A partir das referências conceituais destacadas anteriormente que remetem para a compreensão da experiência de intervir e dialogar com os atores das pequenas cidades, ressalta-se a importância de contribuir com as suas narrativas de modo a promover novas experiências colaborativas e uma possível literatura do menor. Nesse sentido, este texto apresenta uma intervenção tática realizada na comunidade Vila Neuma, situada na periferia da cidade de Iguatu, localizada a 380 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará (figura 2). Vale realçar que Iguatu é uma cidade estratégica no contexto do planejamento regional Cearense e Nordestino, tendo em vista o seu protagonismo no eixo centro-sul do Ceará, por abrigar uma linha férrea, que a posiciona como nó de conexão entre as cidades do entorno e como importante ponto focal nas dinâmicas econômicas daquela região.

Iguatu é considerada uma cidade média, com pouco mais de 100.000 habitantes. Sua importância para o Ceará, onde se situa, reside na função de centralidade que desempenha na região Centro-Sul do estado, articulando e conectando cidades menores de suas redondezas à capital, a cidade de Fortaleza. A área tem conexão com atividades, principalmente rurais, como a agroecologia, bem como com as atividades urbanas de uma grande metrópole litorânea como Fortaleza. O bairro Vila Neuma, campo empírico utilizado neste artigo, situa-se na periferia da cidade de Iguatu e está isolada e segregada desta, devido aos condicionantes físicos do território, como grandes desníveis em relação aos acessos principais e ao Rio Jaguaribe, um rio que atravessa vários estados do Brasil e tem um de seus trechos margeando a comunidade e grande parte da cidade. Dessa maneira, uma das motivações do trabalho aqui discutido foi de estabelecer conexões entre a comunidade com a cidade de Iguatu, promovendo acesso aos equipamentos urbanos existentes no seu entorno.

Conforme a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros do IBGE (1959), seu surgimento deriva de uma vila denominada de *Telha*, em referência à sua produção ceramista, desmembrada da cidade de Icó pela lei provincial nº 558, em 27 de novembro de 1851. Ainda, segundo dados da enciclopédia, apenas em 1883 o município de Telha passou a denominar-se Iguatu, conforme lei provincial nº 2035 (IBGE, 1959). Com relação à





Figura 4 - Foto da área de intervenção com a presença de árvore plantada anos antes por morador local. Fonte: OLIVEIRA (2018).

uma melhor organização e relato do processo imersivo realizado no bairro, mas, é importante destacar, que durante a realização desses eventos houve mudanças e um passo a passo mais flexível, a partir dos contatos e relações com os atores envolvidos.

Os procedimentos adotados tiveram como pressuposto uma aproximação e conhecimento do bairro a partir de um olhar que se preocupa em afastar preconceitos por parte do pesquisador, tendo, desde o início, o contato com os moradores para formação de grupos focais, essenciais no processo de aproximação, a partir de entrevistas e conversas informais. Dessa maneira, o diagnóstico do bairro foi tomando forma com base em entrevistas semiestruturadas que demonstraram as características do bairro pela visão dos moradores e usuários do espaço. Outro procedimento foi a realização de mapeamentos afetivos com diversos atores (moradores e frequentadores da Vila Neuma), entre eles líderes comunitários, vereador local, lideranças religiosas, crianças, estudantes da escola técnica e lojistas.

O objetivo da intervenção, planejada e desenhada em conjunto em todas as etapas, foi demonstrar à população envolvida, a importância da união e do planejamento coletivo, no qual os atores locais puderam compartilhar suas opiniões e desejos. A partir do mapeamento dos espaços públicos mais utilizados no bairro, seguido de oficinas e grupos focais realizados com crianças da comunidade, foi possível formar uma imagem coletiva daqueles espaços e das suas potencialidades. A intenção foi demonstrar as etapas de um processo de diagnóstico, plano e execução para um espaço, utilizando materiais e talentos locais apontados nas entrevistas e mapeamento. No presente artigo, prioriza-se a etapa final do plano, que corresponde à execução comunitária de uma intervenção no local escolhido: a Praça do Mutirão, espaço público do Bairro Vila

Neuma (figura 4).

Dessa forma, é relevante identificar a metodologia adotada como uma maneira de aproximação, com inserções e vivências comunitárias e sobretudo, como possibilidades de se colocar como *ouvinte* e poder contar a experiência do menor. Ao contemplar a Vila Neuma, o pesquisador está em uma posição externa. Não existe um vínculo nem partindo do profissional técnico, nem da população. Todos estão um pouco desconfiados e quando essa confiança é firmada, as histórias são divididas e os locais passam a ter significado, o agente externo se transforma em um potencial ator de interação com o bairro. Essa aproximação pode ocorrer em dois momentos: o primeiro, quando o pesquisador se coloca como mero observador distanciado, que vê e infere noções considerando vivências próprias e não relacionadas ao lugar; e um segundo, através dessa interação e da posição de *cientista ambulante* (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

### Do olhar externo, ao observador atento: Sobre a metodologia e a experiência do lugar

Com base na metodologia *despertar* (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2019), as referidas etapas de aproximação e reconhecimento das potencialidades, dos desejos e conflitos na Vila Neuma, foram executadas a partir do mês de março de 2018. Essa experiência se inicia com o processo de aproximação, onde, primeiramente foram realizadas visitas ao local, de casa em casa, para apresentação da pesquisadora e conhecimento da área a partir da percepção dos moradores. As casas a serem entrevistadas foram escolhidas a partir de critérios definidos pelas lideranças comunitárias que estavam acompanhando todas as etapas do processo. Após esse primeiro momento, foi realizada a primeira reunião coletiva com moradores e lideranças locais, divulgada por meio de cartazes e carros de som, além da rádio local. Nessa oportunidade, foram realizados mapeamentos afetivos em grupos de participantes com o fito de compreender o que os moradores consideravam bom ou passível de melhorias na comunidade.-

Para tanto, foi realizada uma exposição sobre como funcionam os mapeamentos para os que não possuíam familiaridade com o método e, para registro dos dados, foram utilizadas diferentes procedimentos, visto que o público era diverso, envolvendo desde estudantes de engenharia da escola técnica local até moradores que vieram do interior e não sabiam ler, além de crianças. Assim, os que já tinham familiaridade com mapeamentos fizeram a legenda dos seus mapas da forma que preferiam, com símbolos e palavras que consideraram importantes para expressão de suas ideias, enquanto outros grupos utilizaram o símbolo X para áreas do bairro que não gostavam e um coração para as áreas que gostavam. Os dados coletados foram debatidos e reunidos em um mapa síntese, para posteriormente serem aplicados em um plano com possíveis intervenções para a área a partir do conhecimento técnico da pesquisadora. Esse mapa, que teve como base os mapeamentos afetivos, foi posteriormente apresentado à população para confirmar os desejos e sonhos para o local.

Essa primeira reunião, que consistiu na confecção do Plano de Bairro, contou com a presença de 20 pessoas, configurando um grupo heterogêneo: crianças, adolescentes e adultos, moradores do bairro e moradores de outros bairros que trabalham ou já trabalharam na Vila Neuma ou no bairro vizinho, Vila Moura. Por meio do contato com os alunos do curso técnico de edificações da escola EEEP Lucas Emmanuel, que já possuíam uma base na confecção de mapas, foi possível obter um resultado rico, que refletiu diferentes desejos e visões e foi expresso em também diferentes formas de representação (figura 5).



Na ocasião, cada grupo selecionou uma pessoa para apresentar suas percepções e ao final, com apoio de um mapa maior, ocorreu um debate coletivo para o entendimento dos principais desejos dos participantes para o bairro, o que mais tarde foi expresso no Plano Geral (OLIVEIRA, 2018). Destes, vale destacar: a reciclagem e o tratamento do lixo; a criação de espaços infantis de lazer; o plantio de árvores e cuidados com a vegetação local; e a possibilidade de uma articulação entre as escolas, os estudantes do bairro e os demais moradores no formato de atividades que pudessem fortalecer os laços e dinamizar o local. Este momento foi importante para a escolha do local de intervenção, no caso a Praça do Mutirão. As justificativas dessa escolha foram principalmente a centralidade, uma vez que a praça atende tanto à Vila Neuma quanto à Vila Moura (bairro vizinho), e a intensidade do uso que a mesma apresentava, apesar da degradação da infraestrutura existente, principalmente bancos e quadra esportiva.

Aqui, torna-se importante destacar a relação entre os bairros de Vila Neuma e Vila Moura, visto que a área escolhida pela comunidade para ação colaborativa situa-se entre esses dois territórios. O bairro Vila Moura, maior do que a Vila Neuma e com população de igual perfil social, tem importante papel na dinâmica de seu vizinho. Conta com equipamentos de saúde, bem como escola de ensino fundamental e escola técnica, que são acessados pela Vila Neuma com maior facilidade do que os outros bairros de Iguatu. Ambos os bairros se situam no mesmo lado do Rio Jaguaribe, embora apenas Vila Neuma esteja localizado nas suas margens (figura 3). Dessa maneira, a ação colaborativa também foi beneficiada pela presença da Vila Moura, já que várias pessoas desse bairro também participaram da ação.

Neste momento, foram ainda elencadas algumas diretrizes preliminares para a Praça do Mutirão, entendendo o que seria necessário para realizar a intervenção: a necessidade de um cronograma e levantamento da área, que se efetivou no dia 23 de março de 2018, seguido da limpeza da praça que aconteceu em 24 de março de 2018. O levantamento da Praça do Mutirão contou com a presença do líder comunitário Dauzyio Alves e do professor do curso técnico da EEEP, Lucas Emmanuel. O momento foi importante tanto para aferir medições do espaço, quanto para realizar um registro fotográfico do estado de conservação do mobiliário e espaços em geral da praça, buscando entender também os funcionamentos do seu entorno. Na ocasião, foi estabelecido contato com o Centro de Referência a Assistência Social, CRAS Aguiar Mendonça, importante instituição de assistência social localizada em frente a uma das áreas mais utilizadas da praça: o campinho de futebol. Houve ainda a oportunidade de conversar com a população do entorno, em especial com crianças que observavam o movimento e questionavam a motivação daquela intervenção.



Em seguida, aconteceu a Ação de Limpeza da Praça do Mutirão (figura 6), divulgada na comunidade por meio de contatos pessoais e distribuição de panfletos, contribuindo para firmar compromissos e captar o interesse da população em relação à melhoria do espaço público. Em geral, a maior parte dos envolvidos foram crianças, interessadas em melhorar a área da quadra para viabilizar novas possibilidades de uso, uma vez que os adolescentes e adultos utilizavam um campo em outro espaço localizado nos arredores do bairro. Uma parcela dos adultos, residentes no entorno imediato, demonstraram poucas expectativas em relação a melhorias na Praça do Mutirão. Ainda assim, alguns se disponibilizaram para auxiliar na limpeza da área. Com isso, perceberam-se algumas maneiras de melhorar o evento para a Ação Colaborativa que aconteceria depois de alguns meses. Uma delas foi à divisão prévia em grupos, visando facilitar o trabalho, para que atividades que fossem sendo realizadas não fossem abandonadas por novas demandas surgidas em outra área da praça, o que poderia resultar em áreas de trabalho inacabadas.

Em um dia posterior, foi realizado o Café da Manhã Colaborativo, cuja organização teve as seguintes características: cada criança era convidada a trazer seu lanche e tudo seria compartilhado entre os demais. Esse momento oficializou o início da intervenção e funcionou como uma reunião geral de planejamento, juntamente à limpeza da praça, reforçando conceitos como união comunitária, confiança e comprometimento com a ação. O café da manhã contou com a presença de uma professora colaboradora, que já conhecia as crianças e facilitou toda a comunicação e cuja presença foi muito importante, reforçando às crianças o porquê daqueles eventos e a sua relevância para cada um. Esse momento, de caráter pedagógico e de trocas de aprendizados coletivos, encerrou a etapa metodológica do trabalho relacionada à leitura socioespacial do lugar, dando suporte à intervenção tática na praça (figura 7).

Aqui reside o cerne desta narração, a intervenção tática na Praça do Mutirão, que



Figura 7 - Café da Manhã Colaborativo com fala de conscientização de colaboradora local às crianças. Fonte: OLIVEIRA (2018).

ocorreu durante todo o mês de maio de 2018. Inicialmente, entre os dias 16 e 19, foram definidas equipes, realizada a divulgação e a captação de recursos. O primeiro dia, 16 de maio, consistiu no contato com o líder comunitário Dauzyio Alves e um dos moradores, participante ativo do processo, para delimitação da forma de abordagem com a comunidade em geral. O dia seguinte consistiu em uma visita ao CRAS Aguiar Mendonça, com confirmação da parceria para ação colaborativa e aproximação em conjunto de um dos grupos que mais utiliza a praça: adolescentes e adultos que jogam futebol, por volta das 17h. A ação se desdobrou com a divulgação a partir de mapas impressos com base do *Google Earth* que auxiliaram em uma conversa com esses atores sobre as percepções que tinham da praça e divulgação da Ação Colaborativa que iria acontecer (figura 8).

A partir desses encontros, deu-se seguimento a captação de recursos, que foram arrecadados junto ao comércio local na forma de doações, considerando a motivação do projeto, com o auxílio de imagens impressas de iniciativas similares que ocorreram em outras cidades do Brasil. Nesse mesmo dia, os adolescentes e adultos que jogam futebol na Praça do Mutirão apresentaram sugestões de maneira informal e, com o acompanhamento de um morador, foram realizadas visitas às pessoas que estavam nas calçadas do entorno. Com o auxílio dos mapas, foram sendo sistematizados os desejos mais específicos para a praça junto à comunidade, tendo como resultado o enaltecimento da sua função para atividades de esporte e a delimitação de uma área infantil, com prioridade para instalação de brinquedos e plantio de vegetação na praça.

Por fim, no dia 19 de maio, foi realizada uma reunião organizada pela Associação do Bairro que teve ampla divulgação junto às Igrejas locais e que obteve a presença de 10 pessoas. Na ocasião foi apresentada uma retrospectiva de todas as etapas do processo que estava em desenvolvimento, bem como uma devolutiva do Plano Geral e das diretrizes relacionadas às necessidades para a Ação Colaborativa da Praça do Mutirão. Ao final, cabe o destaque para dois pontos de aprendizado: (1) o envolvimento



Figura 8 - Desenhos representando mudanças para a Praça do Mutirão pensados por diferentes grupos. Fonte: OLIVEIRA (2018).

da comunidade, que se mostrou bastante interessada e colaborativa, participando de diversas reuniões, oficinas e grupos focais, e nas quais, notou-se a flexibilidade no perfil do grupo com o surgimento de novos atores ao longo do tempo; (2) o mapa (a cartografia) e o desenho como ferramentas essenciais ao desdobrar dessas relações de aproximação entre o pesquisador, o campo e os atores ali presentes. Na sequência, são apresentados os principais pontos da sistematização do projeto, com destaque para a definição das responsabilidades e dos recursos para a execução da intervenção final, que foi realizada nos dias 26 e 27 de maio de 2018.

### A experiência do urbanismo tático na Praça do Mutirão

Segundo relato dos moradores, a Praça do Mutirão tem esse nome devido a sua construção a partir de um conjunto habitacional em regime de mutirão, para onde foram realocadas famílias que moravam à beira do Rio Jaguaribe. Sobre essa narrativa, acredita-se que no momento de sua inauguração a mesma foi entregue em bom estado, mas que, ao longo do tempo foi se degradando e não obteve as necessárias manutenções. Seu entorno é marcado pela presença de edificações residenciais, estabelecimentos institucionais (Posto de Saúde e CRAS) e pontos comerciais. Dentre as principais necessidades enumeradas pelos atores envolvidos no projeto, foi destacada a reforma da cobertura (rede) da quadra de esportes, do campinho e a delimitação de uma área para uso infantil (parquinho).

A parceria com o CRAS permitiu uma limpeza do terreno, que foi realizada pela prefeitura, facilitando o trabalho do grupo e contribuindo para que a ação já fosse iniciada com a pintura de bancos e da mureta da quadra, assim como pela confecção de brinquedos de pneu e plantio de mudas. No dia 26 de maio foi realizada a Ação Colaborativa, a partir do apoio e doação de moradores e comerciantes locais: foram recebidos como doação 30 pneus pelo vereador comunitário Antônio Baixinho e a

campanha do grêmio estudantil da Escola Alba Araújo; doações de tintas e cordas por lojas de material de construção locais; além do apoio geral do Bar O Aquino, que se manteve presente com lanches, luvas plásticas, cartazes e outras necessidades essenciais à realização da ação. Além disso, destaca-se a própria comunidade que forneceu, além da força de trabalho, materiais e equipamentos próprios, a exemplo das mudas de vegetação disponibilizadas pelo líder comunitário Dauzyio Alves.

A intervenção táctica na Praça do Mutirão foi realizada em dois dias e envolveu adultos, adolescentes e crianças interessados em ver a mudança que sonhavam sendo realizada naquele local. Muitos haviam participado de algumas das etapas do processo, mas transeuntes também paravam para entender mais sobre o acontecido. Destaca-se aqui essa ação como potencializadora do imaginário das pessoas, admitindo que ela confirmou uma oportunidade para envolver pessoas num projeto urbano a partir do fazer colaborativo. Foi também um momento de troca intensa entre os participantes, de reconhecimento da própria comunidade e dos seus laços: pedreiros e construtores sabiam quais caminhos seguir na tomada de decisão da construção dos brinquedos, a partir de material reciclado; a plantação de mudas foi facilitada e orientada pelo líder comunitário Dauzyio aos colegas; e com isso, a partir do uso lúdico do espaço, as crianças puderam interagir, aprender e se divertir a partir da contribuição de outros moradores mais experientes, como realizar plantio, escavar, pintar e construir de forma apropriada.

Torna-se essencial aqui reafirmar que o mais importante não foi o resultado da intervenção, mas os caminhos percorridos e o processo de realização. A metodologia foi um ponto chave para o desdobramento da ação e para evidenciar que embora assumisse um caráter temporário e tivesse sido desenvolvida com poucas ferramentas, a intervenção se inseriu no imaginário coletivo da comunidade de Vila Neuma, gerando possibilidades de reivindicação popular junto ao Estado para ações efetivas e institucionalizadas. Nesse sentido, o urbanismo táctico, a partir de ações pontuais e de baixo custo, funcionou como uma ferramenta capaz de demonstrar possibilidades e potenciais de mudanças em larga escala e a longo prazo (figura 09).

Ao final do segundo dia, foi realizado um momento de lanche colaborativo, quando se verificou a possibilidade de debater acerca da importância do que foi construído em conjunto, marcando o fechamento daquele ciclo e reforçando que o manter é tão importante quanto o fazer. Após a conclusão da ação colaborativa, a metodologia seguiu para a etapa de acompanhamento. Dessa forma, foram enumeradas responsabilidades aos participantes, buscando conscientizar os moradores sobre o poder que possuem para manter seus espaços públicos independente da presença da pesquisadora. Foram ainda definidos responsáveis por cuidar das mudas plantadas na área e pactuado um compromisso entre todos de que seria necessário utilizar os brinquedos confeccionados com responsabilidade para que não fossem deteriorados ou quebrassem.

As lideranças locais, que possuem contato direto com a área, buscaram manter a organização do local nos meses seguintes. Também foi confeccionada uma tabela para entendimento de quais elementos do plano de bairro colaborativo: poderiam ser realizados apenas pela comunidade, sem necessidade de ajuda externa; quais poderiam ser realizados com o apoio de patrocinadores; e quais poderiam ser realizados apenas pela prefeitura, a exemplo de asfaltar as ruas ou de outras mudanças estruturantes de maior porte. Por fim, cabe neste momento destacar como benefícios da intervenção: a reforma e resignificação de um espaço livre público já consolidado, bem como a reforma e reativação do mobiliário existente. E ainda, o reconhecimento do *saber comum*, da experiência do menor, de poder contar a história e aprender com essas pequenas comunidades: a experiência dos pedreiros (moradores locais) na reforma



e construção da praça; a atuação do líder comunitário Dauzyio Alves, graduando em biologia, no compartilhamento das suas vivências e do seu conhecimento relacionado a agroecologia; e finalmente, o rico aprendizado coletivo a partir do conjunto da obra e da troca de conhecimentos.

### Considerações finais

Retomando as reflexões teóricas apresentadas, sempre existirão aqueles cientistas ambulantes, tácticos, um tanto utópicos, que “não se deixam interiorizar completamente nas ciências régias reprodutoras e que os cientistas de Estado não param de combater” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 43). Esse devir itinerário se conecta à literatura do menor na medida em que o pesquisador se torna um *agenciador* desterritorializante dessas palavras, capaz de transformar as falas comuns junto às experiências vividas e transcrevê-las em seus relatos. Acredita-se que o caráter coletivo desse menor se expressa nesta apresentação por meio da relação proposta entre os atores da comunidade da Vila Neuma e o pesquisador, nas relações ali propostas e na expressão dessas vivências referenciadas a partir do urbanismo táctico. Procurou-se discutir aqui como é possível criar motivações e demonstrar novos usos do espaço público a partir de experimentações e ferramentas simples, de modo a traduzir os anseios das pessoas para um planejamento urbano de fato democrático.

Com relação à metodologia apresentada, observou-se que esta permitiu compreender aquele espaço a partir das suas dinâmicas próprias, potencialidades e vida coletiva. Foi um processo de imersão que evidenciou um olhar além da simples coleta de dados, trazendo consigo a troca de experiências entre os atores, incluindo a pesquisadora, a partir de memórias e dos muitos sentimentos de pertencimento que emanam daquela comunidade. Evidenciam-se aqui também outras ações colaborativas que surgiram a partir desse impulso, como o *Balaio agroecológico*, empresa de produção

Figura 9 - Colagem de fotografias da Intervenção na Praça do mutirão. Fonte: OLIVEIRA (2018).

e comercialização de delivery de produtos agroecológicos, criada por iniciativa do líder comunitário Dauyzio Alves da Silva. Essa apropriação dos espaços públicos ali presentes, a criação de novas ferramentas e a utilização da própria agroecologia existente como potencializadora dessas ações, também se demonstra no *pedaço* daquela comunidade, no dia a dia, na reafirmação de “uma sociabilidade básica, mais densa, significativa e que se impõe às relações formais e individualizadas impostas pela nossa sociedade” (MAGNANI, 2005, p.07).

A realização da Ação Colaborativa da Praça do Mutirão demonstra o potencial de transformação e o poder que essa população concentra, ao se unirem com poucos materiais e em curto prazo. Mostra, também, que existem entidades parceiras e pessoas de fora que, ainda que não possam colocar a mão na massa, têm um papel relevante para que esse tipo de iniciativa seja concretizada. Cada ator envolvido, cumprindo sua função, é parte integrante de um resultado que excede os limites do físico e se reflete nos sorrisos, nas memórias e no fortalecimento da união comunitária. Essas ações, portanto, se colocam aqui como um impulso, por meio do qual os atores da Vila Neuma podem acionar o desenvolvimento do espaço utilizado a partir de ferramentas simples proporcionadas pelo urbanismo tático.

Por fim, e em contraponto ao demonstrado, é importante retomarmos Brenner (2018) ao afirmar que muitas dessas propostas de designers e arquitetos táticos contribuem também para intensificar as mesmas formas de injustiça espacial às quais esses novos projetos deveriam combater. Essas iniciativas também podem gerar grandes retornos econômicos para os seus investidores, como “donos de terra ou de imóveis situados no próprio local ou nos arredores contemplados por esses projetos” (BRENNER, 2018, p. 196). Porém, é no campo das contradições que emerge o urbanismo tático como um despertar, de modo que num futuro, essas iniciativas possam traduzir, em algum nível, as ansias e as necessidades de uma política urbana e de um Estado, efetivo e presente, que seja capaz de promover uma maior integração entre os espaços públicos, suas práticas cotidianas, e que considere as reais necessidades das pessoas de maneira democrática, afetuosa, sustentável e libertadora.

## Referências

BRENNER, Neil. *Espaços de Urbanização*. O urbano a partir da teoria crítica. Rio de Janeiro: Observatório das metrópoles, 2018. 356 p.

BRENNER, Neil. *Seria o “urbanismo tático” uma alternativa ao urbanismo neoliberal?* Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais, Rio de Janeiro, n. 27, ano 7, dezembro de 2016. Disponível em: <[http://www.emetropolis.net/system/artigos/arquivo\\_pdfs/000/000/201/original/emetropolis27\\_capa.pdf?1485998522](http://www.emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/201/original/emetropolis27_capa.pdf?1485998522)>. Acesso em: 18 mar. 2021.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvin, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. v. 5. São Paulo: Editora 34, 2012.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 16 p. 260-269. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295\\_16.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_16.pdf)>. Acesso em: 19 jun. 2021.

HOU, Jeff. *Ativismo no espaço público e o espaço dos novos comuns*. Diretrizes para o engajamento social por meio do design, planejamento e placemaking. Revista eletrônica de arquitetura e urbanismo, n.23, Universidade São Judas Tadeu, 2018. Disponível em: <<https://www.usjt.br/arq.urb/numero-23/arqurb23-integral.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

LYDON, Mike; GARCIA, Antony. *Tactical Urbanism*. Short-term Action for Long-term Change. Washington: Island Press, 2011.

LYDON, Mike; GARCIA, Antony. *Tactical Urbanism vol. 2*. Short-term Action for Long-term Change. Washington: Island Press, 2012.

LYDON, Mike; GARCIA, Antony. *Tactical Urbanism vol. 3*. Casos Latinoamericanos. Washington: Island Press, 2013.

LYDON, Mike; GARCIA, Antony. *Tactical Urbanism vol. 4*. Australia & New Zeland. Washington: Island Press, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Os circuitos dos jovens urbanos*. Tempo Social. Revista de Sociologia, v.17, n.2, 2005. p. 173-205. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole*. In: Magnani, José Guilherme C; Torres, Lilian de Lucca (Orgs.). Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996. p 12-54.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Os Urbanitas. Revista Digital de Antropologia Urbana, v. 01, n. 0, São Paulo: 2003. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/RUA1.html>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

OLIVEIRA, Mariana Araújo de; ALBUQUERQUE, Carla Camila Girão. *A METODOLOGIA DESPERTAR: A busca por um planejamento urbano focado nos usuários do lugar a partir do urbanismo colaborativo*. In: XVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2019, Natal. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais/>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

OLIVEIRA, Mariana Araújo de. *O DESPERTAR DA VILA: Urbanismo colaborativo no bairro Vila Neuma em Iguatú, CE*. 2018. 167 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Fortaleza. Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2018.

UDAYASURIYAN, Aparna. *Bottom-up Urbanism in temporary Urban space*. Research Master Planning and Sustainability: Urban and Regional Planning. École polytechnique de l'université francois rabelais de tours (Dissertação de Mestrado). França: 2016.